

NARRATIVAS ETNOGRÁFICAS DAS E NAS METRÓPOLES CONTEMPORÂNEAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

APRESENTAÇÃO

Ana Luiza Carvalho da **Rocha**¹
Cornelia **Eckert**²
Eduardo Álvarez **Pedrosian**³
Ramiro **Segura**⁴

Este número temático da Revista *Illuminuras* reúne pesquisadores antropólogos da Argentina, do Brasil e do Uruguai, uma frutífera rede de intercâmbio intelectual que nasceu da parceria da organização do grupo de trabalho (GT) *Narrativas etnográficas das e nas metrópoles contemporâneas: desafios e perspectivas*, que transcorreu na XIII – Reunião de Antropologia do Mercosul (XIII RAM), realizada de 22 a 25 de julho de 2019, na UFRGS, em Porto Alegre/RS, Brasil.

O encontro tinha por inspiração uma troca entre pesquisadores que embasavam suas pesquisas nos estudos etnográficos, tendo por guia a concepção simmeliana de cidade moderna em suas complexidades (Simmel, 1979), ou seja, investigações sobre os grandes centros metropolitanos contemporâneos, pela perspectiva das formas e dos gestos humanos de se criar e se perpetuar no viver urbano. Da mesma forma que para as ciências sociais, de modo geral, a concepção simmeliana de cidade moderna (Simmel, 1979), nos é cara na forma como concebe as formas e dinâmicas de relações sociais, os gestos humanos, a pulsação do meio ambiente e do ecossistema, considerando a fugacidade e a efemeridade do tempo.

O foco do nosso GT, por ocasião da RAM, eram relatos de pesquisas de campo que tivessem um olhar especial sobre os tempos que regulam os arranjos sociais da cidade moderna em suas dinâmicas de destruição e de transformação. Apostava-se na interpretação dos efeitos de duração/manutenção de suas formas, assim como em refletir

¹ Universidade Feevale e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Email: miriabilis@gmail.com

ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-2294-5932>

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Email: chicaeckert@gmail.com

ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-2815-7064>

³ Universidad de la República, Uruguai. Email: eduardo.alvarez@fic.edu.uy

ORCID id: <https://orcid.org/0000-0003-1795-7792>

⁴ Universidad Nacional de San Martín e Universidad Nacional de La Plata, Argentina.

Email: segura.ramiro@gmail.com

ORCID id: <https://orcid.org/0000-0003-4115-712X>

sobre os desafios de se criar novas táticas de abordagem para a descrição e a análise da complexidade do viver urbano nas sociedades contemporâneas.

Assim, neste volume da Revista *Illuminuras*, reunimos as apresentações do citado GT bem como recebemos um grande número de artigos e relatos, além de artigos dos próprios organizadores, que reforçam e ampliam os estudos antropológicos que concebem a cidade como fenômeno que encerra um espaço humanizado singular, que acomoda os valores éticos e morais coletivos. Começamos com alguns questionamentos básicos:

- Como se configura uma comunidade urbana?
- Quais seus arranjos sociais?
- Quais suas formas de sociabilidade?
- Quais as imagens e códigos nas experiências do viver cotidiano?
- Quais seus medos, conflitos e sob que situações de injustiças sociais operam resistências e solidariedades?

No embalo das possíveis respostas, reunimos artigos que têm por objetivo contextualizar os fenômenos das negociações, das contradições e dos conflitos que tecem a vida cotidiana de indivíduos, grupos, redes e bolhas em suas formas de habitar os grandes centros urbanos latino-americanos.

Tudo isso implica, ao mesmo tempo, a necessária reflexão teórico-metodológica que cada etnografia urbana nos permite explorar, como uma caixa de ferramentas epistemologicamente muito mais complexa do que um simples instrumento de coleta de dados sobre o que se passa na cidade. Graças às relações de implicação mútua entre teorias, métodos e técnicas, a experiência etnográfica permite a elaboração de conhecimentos contextuais e situados, ao tempo em que se projetam para outras realidades antropológicas. É assim que encontramos, neste volume, uma variedade de cidades da região e do mundo, cada uma com sua singularidade. Dentre elas, cidades dentro de cidades, metrópoles carregadas de múltiplas urbanidades, em relações interescares entre bairros, áreas e regiões, onde as fronteiras e as definições do caráter do íntimo e do público estão em constante recomposição.

Diferentes territorialidades se relacionam em ricos diálogos que nos permitem compreender as dinâmicas urbanas a partir de infinitos jogos de conexões possíveis, entre ruas, esquinas, lugares ou espaços emblemáticos de anonimato e suas hibridizações, graças a percursos, a trajetórias e a práticas mais do que ao jogo de se

fazer uma cidade onde o etnógrafo é apenas mais um, mas particularmente marcado pelo estranhamento e por suas narrativas que desafiam o estabelecido. Para os organizadores deste número, portanto, o tema do viver na cidade em suas múltiplas rítmicas e pulsões é central na Antropologia.

Isto posto, organizamos nosso sumário a partir de três eixos de pesquisa. Primeiramente, trazemos as que enfatizam as narrativas da vida cotidiana no viver urbano. Em sequência, as que tratam das dinâmicas na/da vida citadina em suas territorialidades e das diferentes formas de sociabilidade. Finalmente, as que contemplam aspectos conflituais, lutas por identidade social, formas de resistência, movimentos sociais, aspectos políticos e biopolíticos.

Sem dúvida, cada um desses aspectos está presente em todos os artigos, mas cada um fixando determinado aspecto, cada um com sua particular e diferente ênfase. Seu conjunto, porém, nos permite realizar o mapeamento mínimo dos exercícios etnográficos que compõem o dossiê deste número de *Iluminuras*, de acordo com os três eixos propostos: narrativas do cotidiano, territorialidades e sociabilidades da vida urbana e conflitos dentro e ao redor da cidade. Além disso, além de suas diferenças e nuances, os artigos que compõem este dossiê são produto de experiências etnográficas situadas (ou multissituadas) e compartilham o impulso de desenvolver abordagens metodológicas sobre o tempo, a materialidade, a imagem e as práticas na exploração da vida urbana.

Os modos de habitar nossas cidades exprimem-se, e por isso acabam por tomar forma graças ao fato de serem narrados, em discursos verbais e em materialidades arquitetônicas, em sons de estilos musicais com os quais seus habitantes se identificam e, muito mais, na estética cotidiana, aspectos difíceis de reconhecer a olho nu, mas que constituem a aura de suas espaço-temporalidades. Neles se realizam as dinâmicas produto de sociabilidades específicas e causas delas, muito mais do que simples pano de fundo: o próprio tecido com suas texturas, que confere a cada prática sua condição existencial, em diversas modalidades e características culturais. São inevitavelmente percorridos por relações de poder, que adotam configurações específicas, através das quais se disputam a cidadania, a convivência e a própria produção de subjetividade, entre movimentos instituintes, de baixo para cima, a implantação de políticas públicas, as forças de mercado e os tipos de agentes e suas agências.

Primeiro eixo: narrativas da vida cotidiana no viver urbano

Abrimos com o artigo de Beatriz Salgado Cardoso de Oliveira, intitulado *Nápoles: uma viagem a temas urbanos de Walter Benjamin*. Beatriz nos convida a uma revisita à obra de Benjamin no que tange a seus deslocamentos por cidades, a seu olhar de viajante que desvenda a cidade moderna. Trazendo diversos autores especializados, contempla estas experiências, detendo-se em Nápoles e no conceito de porosidade entre outras inteligibilidades conceituais.

Como segundo artigo deste eixo temático, trazemos o estudo de Ramiro Segura, intitulado *Hacer metrópole. Viaje, narración y experiencia metropolitana desde el sur del Grand Buenos Aires*. O autor problematiza as mobilidades metropolitanas a partir das experiências de passageiros (viajantes) no contexto urbano. Foca, assim, pessoas que cotidianamente se movem na escala metropolitana, em suas práticas e lógicas. Três jovens entrevistados, residentes nas circunferências da grande cidade de Buenos Aires, são a base do relato, conectando experiências e narrativas em que tecem as sociabilidades.

Na sequência, o artigo de Rafael Branquinho Abdala Norberto, *A cidade de Manaus a partir da etnografia do circuito do “Rap Am”*, que se dedica a uma escuta etnográfica do circuito musical no/do contexto metropolitano de Manaus, na região amazônica, construindo um rico e original entrelaçamento de técnicas e procedimentos de pesquisa do/os campos conceituais da Antropologia urbana à Etnomusicologia.

Jean Pierre Pierote Silva nos desloca para um ambiente interiorano. Entre 2015 e 2018, Rio de Contas, na Bahia, foi o cenário de sua pesquisa de doutorado, na qual narra os tempos históricos e vividos nesse contexto. Como antropólogo e artista, desenvolve uma experiência de pesquisa etnográfica e de intervenção artística consentida, na colaboração de um coletivo. Fundada nos tempos da extração do ouro, dos tempos dourados só resta o patrimônio que permanece, uma vida de eventos e sociabilidades cotidianas que o fotógrafo capta, de intervenções artísticas que motivam trocas, parcerias e retornos dos sujeitos em interação, experiências em que a etnografia revisitada imprime brilho aos jogos da memória em questão.

O artigo de Caroline do Socorro Silvestre Oliveira e Daniel dos Santos Fernandes traz, no título, o nome de sua principal interlocutora: *Transtempos de Neném: processo de rurbanização em comunidade remanescente de Quilombo*. Os autores encontram a moradora Osmarina como uma interlocutora privilegiada em sua oralidade

e memórias do lugar. Dona Neném é moradora da Comunidade Remanescente de Quilombo de Nossa Senhora do Livramento, localizada no município de Igarapé-Açu, nordeste paraense. Na etnografia apoiada em seus relatos, a narradora tece um relato sobre o processo de rurbanização da comunidade, o que se vem processando nas comunidades tradicionais próximas a centros urbanos.

Esta primeira seção de artigos do dossiê se encerra com a obra de Thalles Vichiato-Breda, intitulada *Narrativas Urbanas: acesso à moradia, organização familiar e a (re)produção do espaço urbano*. Com base em uma pesquisa em um bairro periférico promovida pelo programa “Minha Casa Minha Vida”, na cidade de São Carlos, São Paulo, a análise das trajetórias biográficas e residenciais de seus moradores permite articular as dimensões subjetivas e o processo de produção da cidade na compreensão das políticas habitacionais.

Segundo eixo: As dinâmicas na/da vida cidadina em suas territorialidades

Itinerarios urbanos rockeros en la ciudad de La Plata (Buenos Aires), de Josefina Cingolani, nos oferece um exemplo de como elaborar uma etnografia na e da cidade, focada na ligação entre as espacialidades e as práticas dos habitantes, a partir de um circuito musical emblemático, não só para a cidade de La Plata, mas para a região e além fronteiras. Seguindo uma série de itinerários de músicos inscritos no dito circuito de produção cultural, compreendemos a lógica da socialização nas suas várias vertentes, segundo percursos, no espaço urbano, que conformam as biografias dos seus protagonistas. Metodologicamente, levanta a necessidade de táticas de pesquisa, como o "sombreamento", produzindo narrativas etnográficas ricas em sua capacidade de mapear a vida na cidade.

Fabiana Abaurre nos brinda com o artigo *A calçada como experiência de arte urbana, projeto nessa rua tem um rio*, com base em uma etnografia junto às ações do Instituto Undió, em Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais (Brasil). Este coletivo promove uma relação intensa entre arte e cidade, em especial no projeto chamado de *Nessa Rua Tem um Rio*. Nesta rua, encontra-se a sede da Ong cujas intervenções são realizadas por artistas de diversos gêneros, com um procedimento de engajamento com a população, promovendo eventos de interação, trocas, informações, engajando a população a um olhar diferenciado para a relação dos cidadãos com a

natureza, com o espaço e a agitação dos tempos, trazendo à tona as camadas de experiências com o meio ambiente e o avanço urbano.

Jesus Marvanillo Pereira é autor do próximo artigo, *Imperatriz e seus fotógrafos urbanos: caminhadas, velo(cidades) e enquadramentos na cidade*. A cidade de Imperatriz fica no sul do Maranhão (Brasil), promovida por seu autor como cenário a ser revisitado à luz dos olhos de um artista, o fotógrafo de rua Daniel Sena. Relacionando a cidade observada em percursos e a cidade caminhada pelo fotógrafo, Jesus busca os diferentes ritmos, as velocidades e as especificidades dessa metrópole localizada na Amazônia maranhense.

Wendel Marcel Alves da Costa nos apresenta os *Espaços poéticos memoriais, pequenos e cotidianos, em uma etnografia de rua na cidade*. Percorrendo ruas, praças e espaços para uma etnografia de rua, com tomadas fotográficas, o autor faz uma incursão por diversas contribuições teóricas e metodológicas sobre a pesquisa em contextos urbanos e sobre a metodologia da etnografia de rua, mapeados por conceitos como cidade imaginária e espaços poéticos memoriais, pequenos e cotidianos na cidade.

Prosseguindo, temos o artigo de Adara Pereira da Silva, *Experiências das compras: um diálogo entre espaços comerciais de Natal e as compras femininas*. A autora, ao polemizar a perspectiva das abordagens economicistas das práticas sociais de consumo no contexto dos grandes centros urbanos, propõe um estudo etnográfico sobre as modalidades de trocas sociais por elas produzidas.

Na sequência, apresentamos o artigo de Pedro Zaidan, *Praia da Amendoeira: cotidiano de rua em uma praia carioca*, com o qual o autor nos conduz à sua experiência com moradores que têm a rua como moradia (as “miudezas do cotidiano na rua”), numa praia do Rio de Janeiro, mediada pelo fazer musical do etnógrafo em seu trabalho de campo. O artigo nos presenteia com reflexões metodológicas singulares sobre a dimensão relacional do trabalho de campo na e da rua, reunindo apontamentos oriundos dos estudos do interacionismo simbólico e dos estudos do panteão da religião de matriz africana, entre eles, o Exu.

Esta segunda seção do dossiê se encerra com o artigo de Vanderlan Silva, *Sociabilidades “negociadas” na feira central de Campina Grande-PB*. A partir de sua etnografia sobre as interações sociais no espaço-tempo de uma feira que nasceu junto com a cidade, Vanderlan mostra que a Feira Central de Campina Grande é um acontecimento polissêmico no processo de formação da cidade e no conjunto de

relações cotidianamente instaladas neste centro social da cidade. Nas palavras do autor, é um mangue social, que alimenta “materiais” e deles se alimenta, o que torna a vida possível na cidade metropolitana.

Terceiro eixo: Conflitos, lutas por identidade, formas de resistência, movimentos sociais e aspectos políticos.

Este terceiro eixo começa com o artigo de Lucía Abbadie, Letícia Folgar, Lauren Isach, Carina Cassanello, intitulado *As territorialidades do bairro em processo de construção identitária na área metropolitana de Montevideu*. A partir da experiência de pesquisa do Programa Integral Metropolitano da Universidade da República nos bairros Punta Rieles e Malvín Norte, o artigo explora as dinâmicas cotidianas e as relações de proximidade no processo de produção das identidades locais na metrópole.

Neste eixo temático também trazemos o artigo de Adriana Facina, intitulado “*A escada da memória*”: arte e sobrevivência no Complexo do Alemão. Adriana nos leva a conhecer o ‘Complexo do Alemão’ no Rio de Janeiro. Uma territorialidade que experimentou forte impacto com a intervenção do Programa de Aceleração do Crescimento. Programa iniciado em 2007, com fins de intervenção urbana, redundou em remoções e destruições de habitações. A partir da etnografia de um evento promovido por um movimento social local, a autora apresenta um cenário denso de conflitos. Em especial, sobressaem as ações culturais promovidas pelo coletivo, como o grafite que coloca em alto relevo as intervenções violentas e contraditórias do Estado. A arte, em suas margens, como uma “cultura da sobrevivência”, se conecta com o vivido - grafite, funk, samba -; a memória do lugar vinga sobre as ruínas e experiências descontínuas.

Ana Patrícia Barbosa, Sofia Souza, Paula Guerra e Ana Luiza Carvalho da Rocha apresentam o artigo *(Des)encontros de uma etnografia multissituada em regiões urbanas de marginalidade avançada no Brasil e em Portugal*. As autoras objetivam tratar das dinâmicas de organização espaço-temporais das populações na Grande Cruzeiro, na cidade de Porto Alegre/RS, no Brasil, e no Bairro do Cerco, no Distrito do Porto, em Portugal. A pesquisa dá destaque às diferentes formas de apropriação e significação do habitar nessas regiões e coloca em alto relevo os indicadores sobre os modos de vida, sobre as identidades num contexto de apropriação espacial e temporal, mas também de intervenção política.

No próximo artigo, *Acción directa: uma plaza de nadie y de todos*, Eduardo Álvarez Pedrosian e Denise Vigo acompanham etnograficamente o processo de produção, uso e disputas em torno de uma praça (“Ação Direta”) construída “de baixo” nos territórios urbanos da histórica segunda ampliação de Montevideú, conhecida, na época, como La Ciudad Novísima. A observação prolongada destes territórios em transformação permitiu identificar a constituição da praça em terreno abandonado, descrever seus usos e acompanhar os conflitos em torno deste contingente espaço-urbano alternativo, levando em consideração o apoio à vivência da cooperação e à autonomia na cidade.

Flavio Henrique Souza Lobato propõe, em *Entrando em uma psicofera da floresta e uma psicofera urbana: um mergulho etnográfico em uma comunidade amazônica*. A partir de um diálogo profundo com a geografia de Milton Santos, o autor nos leva ao contexto amazônico, onde a violência, desencadeada por processos clássicos e recentes de urbanização desenvolvimentista, pode ser vivenciada de forma dura, em ambientes tão ricos e frágeis. Aprofundando o caso da comunidade Mata Fome, localizada na periferia de Belém (PA), por meio de registros fotográficos, diversas formas de observação participante e elementos autoetnográficos, Flavio Henrique nos aproxima de uma realidade onde se passa inevitavelmente de um dinâmica orientada por relações dialógicas com a natureza ribeirinha para formas de uma tecnosfera que produz desigualdades e exclusões, espaços de fome, tristeza e morte.

Prosseguimos com o artigo de Flávio Leonel Abreu da Silveira e Petronio Medeiros Lima Filho, *Os bois de carne e osso, as vacas sintéticas e o pixo urbano: quando a estética de rua afronta a ética da “obra de arte” na cidade de Belém (PA)*. Um artigo complexo, em suas abordagens sobre a presença das imagens do terror que habitam a ação política dos ‘pixos’ urbanos, a partir de uma cena urbana ocorrida no contexto metropolitano belenense (a intervenção da palavra “NAUFRÁGIO” no corpo sintético de uma das vacas da *CowParade* na época da comemoração dos 400 anos de Belém), em que se entrelaçam as memórias do evento artístico *cowparade*, o acontecimento de caráter globalizante, na relação entre a criação de bovinos, o bioma amazônico e o processo da expansão civilizacional na região.

Por sua vez, o artigo de Luiz Antônio Feliciano, *A cidade entre imagens e imaginários: algumas contribuições dos olhares skatistas*, explora as articulações entre imagem, cidade e subjetividade. A partir da observação etnográfica de um grupo de

skatistas, em uma pista de *skate*, cidade do interior de São Paulo, Luiz Antônio discute a importância da produção visual, principalmente da fotografia, da constituição da imagem da cidade, e também do papel da tecnologia digital na composição das subjetividades contemporâneas, e suas contribuições para o fortalecimento de uma cultura urbana.

Com o artigo de Maria Luz Espiro, “*Porque la gente pide que estén los senegaleses*”: *negociaciones en una ciudad turística de la Patagonia Argentina*, a autora discute as tensões e os conflitos envolvendo as práticas de trabalho de migrantes senegaleses no comércio itinerante durante o verão, na cidade de Puerto Madryn, situada na Patagônia argentina. O estudo etnográfico destaca os processos de negociação entre senegaleses e a municipalidade, em especial o abandono das discursividades xenofóbicas locais e a defesa da erradicação das “anomalias urbanas”, traduzidas no comércio informal dos senegaleses no cenário urbano local, e isto em razão da feição “pitoresca” que tais práticas assumem nesta estação para o caso do seu cenário costeiro.

Maria Isabel Silva Bezerra Linhares e Nadja Rinelle Oliveira de Almeida nos propõem uma reflexão sobre a vida nas ruas em *De quantos fios se tece uma vida?* Vidas tecidas em experiências de dor, abandono e esperança. Trata-se de um artigo em que conseguimos nos aproximar dos processos afetivos e emocionais mais radicais das subjetividades moldadas por essas vivências urbanas que nos desafiam numa mesma noção de casa, quando o que geralmente se reconhece como público passa a ser a única possibilidade de se criar uma intimidade. A partir das práticas artesanais de alguns dos moradores das ruas de Sobral, no Ceará, acessamos histórias de vida a partir das quais podemos compreender os sentidos e os usos das ruas em uma heterogeneidade marcada pelo provisório e imprevisível, em contextos de precariedade existencial, em que também há espaço para o reencontro consigo mesmo e a transformação.

Já Maurício Fernandes de Alcântara nos leva a São Paulo com *A vila Buarque torna-se Hispter: conceitos globais, efeitos locais*. O autor nos leva muito mais longe, nos fluxos desterritorializantes dos modelos de identidade contemporâneos e suas mediações cosmopolitas. Como pode ser definido um agente de gentrificação? Pode ser o agente que promove melhorias em áreas urbanas deprimidas e continua não privando setores da população mais desfavorecida? Nesse caso, Maurício nos aproxima da situação de uma região central da grande metrópole de São Paulo, onde um novo fluxo

de população jovem, com elevados recursos e capital cultural, está transformando a paisagem a partir da presença de estabelecimentos comerciais e circuitos de consumo relacionados a gostos e a hábitos.

Este terceiro eixo do dossiê é encerrado com o artigo de Vitor Rebello Ramos Mello, de feira nordestina a centro de tradições: construção de (uma) identidade nordestina no Rio de Janeiro, em que analisa, numa perspectiva histórica e antropológica, o futuro da feira e da identidade destes migrantes numa cidade do Sudeste. Com efeito, em suas mudanças de nome, usos e valorações, é possível ler o complexo e disputado processo de migração nordestina para o Rio de Janeiro. O movimento da "feira nordestina" ao "centro das tradições" da Feira de São Cristóvão é o produto de um processo contraditório, em que se articulam a luta da população migrante por seu reconhecimento e as políticas da prefeitura da cidade em contexto de rápido desenvolvimento neoliberal.

Esperamos que a leitura deste número provoque todos os leitores e as leitoras a novas modalidades de estudos etnográficos nos múltiplos territórios que configuram o teatro da vida urbana nas metrópoles contemporâneas latino-americanas. Sejam todos acolhidos!

Relatos de Pesquisas Etnográficas

Na sequência, apresentamos os Relatos de Pesquisas Etnográficas. Abrimos a seção com o artigo de Camila Braz da Silva, *Hotel Rodoviária: fragmentos de uma escavação no rastro da memória*, em que compartilha as narrativas etnográficas sobre a trajetória social de um proprietário de um hotel em Porto Alegre (RS, Brasil). ‘Seu’ Guido é um exímio narrador de experiências vividas em uma região de vocação industrial próximo à estação rodoviária. A autora narra as intervenções urbanas da Rua Voluntários da Pátria, localizada na região central da cidade de Porto Alegre, impulsionadas na memória do narrador, que se contrapõem às histórias oficiais, que reduzem a um tempo linear a riqueza das lembranças e as imagens produzidas pela autora, que acomodam afetivamente esta experiência etnográfica.

Na sequência, o relato de Claudia Ribeiro e Elenita Malta Pereira, em *As águas do rio Caí como guias: encontro com marcos ambientais do desenvolvimento petroquímico brasileiro*, no qual relatam uma pesquisa que integra o projeto “Água, Saúde e Ambiente na História de Projetos de Desenvolvimento no Brasil do Século

XX”, liderado por equipe da Casa de Oswaldo Cruz (COC-Fiocruz). Consiste numa pesquisa sobre a história ambiental do Complexo Petroquímico do Sul, o terceiro deste tipo no Brasil, construído no município de Triunfo, no Rio Grande do Sul/RS. Analisam os resultados obtidos pelos cotejamentos críticos com os estudos do desenvolvimento e da engenharia química para chegar ao questionamento dos embates que ocorreram desde que o polo foi anunciado, em 1975, como um projeto situado em pleno contexto desenvolvimentista da ditadura civil-militar.

Em seguida, o relato de Denise Azeredo, Giovanna A. Lisboa Dai-Prá e Letícia Moraes Marques, *Olhares sobre a cidade, a arte e a história: experiências etnográficas o espaço urbano*. Este exercício etnográfico de alunas em formação na Federação de Estabelecimentos de Ensino (Feevale) investiga a interação entre um estúdio de tatuagem e um dos pontos principais no centro da cidade de Novo Hamburgo: a *Tattoo Arte*.

Soledad Balerdi nos contempla com o relato *Etnografía y extensión universitaria: Conocer e intervenir en un conflicto por hábitat en La Plata, Argentina*. A autora conta uma experiência de extensão de pesquisa em que tratou do conflito habitacional que teve lugar num bairro popular na cidade de La Plata, província de Buenos Aires (Argentina) entre 2014 e 2015.

Encerramos com o relato de Tcheice Laís Zwirtes, Michele Barth, Camila Lopes Bruna, Henkel Ferro e Jacinta Sidegum Renner, *Estilizando sua cadeira de rodas – promovendo identidade, estilo e mudanças de paradigmas*. Este time de pesquisadores participa do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Design na Feevale; relata o processo de elaboração e desenvolvimento do evento “*Estilizando sua cadeira de rodas*”, com oficinas de criatividade em que os usuários de cadeiras de roda exploraram diferentes formas de customização da cadeira.

Ensaio com imagens

Na seção *Ensaio com Imagens* apresentamos ao leitor inúmeros trabalhos em que se destaca a pesquisa com imagens, não como exposição pura e simples de dados de pesquisas etnográficas, mas de narrativas em que as imagens adquirem sua própria potência em contar histórias.

Iniciamos com o estudo de Ana Luisa Fayet Sallas, que apresenta o ensaio fotográfico *Instantâneos de um matrimônio Mixteco: Irineo e Rosalba*. O próximo

ensaio é o de Angelo José da Silva, intitulado *Paládios* e, logo após, os trabalhos de Ana Patrícia Barbosa, intitulados *A Grande Cruzeiro: a região e a cidade, a cidade e a região: experiências, narrativas e reflexões a partir de um estudo etnográfico*.

O próximo ensaio é o de Albino José Eusébio, intitulado *O paradoxo do desenvolvimento: mineração, deslocamentos compulsórios e a vida cotidiana em Cateme, Moatize, Moçambique*. As pesquisadoras Amália Gabriela Rocha Aguiar e Rumi Kubo apresentam o trabalho intitulado *O que é fazer farinha na comunidade Quilombola Uxizal de Mocajuba, Baixo Tocantins, Pará*.

Os autores Edmilson Moisés de Lima e Silva, Viviane Guimarães Pereira, Tayrine Parreira Brito e Samanta Borges Pereira proporcionam o *Ensaio sobre um mundo rural na serra da Mantiqueira: uma campesinidade viva no Bairro Peroba*. Como fechamento, o ensaio de Sarah de Barros Viana Hissa, intitulado *Recriação estética pela coisalidade: cacos de vidro arqueológicos em breve experimentação fotográfica*.

Resenhas

Nesta seção, apresentamos descrições de obras que podem certamente influenciar nossos leitores em seus percursos intelectuais. Abrimos, assim, com a resenha de Ramiro Segura – *Fotografía, narración y reflexividad. A propósito de la reedición de Podría ser yo. Los sectores populares urbanos en imagen y palabra*, de Elizabeth Jelin y Pablo Vila, com fotografias de Alicia D’Amico.

Na continuação, temos a resenha de Aline Lopes Rochedo sobre o documentário *Fotografiação*, dirigido por Lauro Escorel.

A próxima resenha é de Fernanda Zepka da Costa Moreira e de Leonardo Palhano Cabreira, sobre a *Exposição fotográfica Paisagens, Cotidiano e Sociabilidades no Litoral Norte Gaúcho: um mergulho etnográfico na memória ambiental*, do Núcleo de Antropologia Visual (Navisual/PPGAS/UFRGS).

Encerrando este módulo, encontramos a resenha de Danilo Fantinel, com o título *Um olhar sobre o cinema pelas lentes do imaginário: Le cinéma et l’imaginaire*, de Michel Serceau.

Ao finalizar, agradecemos a Marcelo Reis Fraga, que revisou e diagramou este número com o profissionalismo de sempre. Muito obrigado!